



INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE NO ENSINO SUPERIOR

Conheça a história de pessoas que, apesar das limitações físicas, conquistaram seu espaço dentro da Universidade. E saiba como a UFC tem se tornado mais acessível

PÁGINAS 4 E 5

Igor Peixoto Girão, mestrando em Ciência da Informação, é cadeirante e deficiente visual

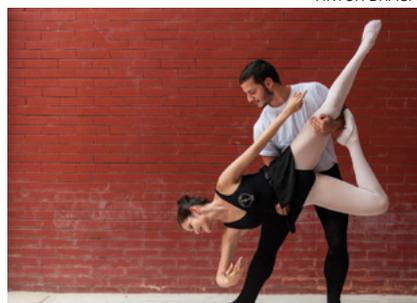


Pesquisa da UFC pode ajudar a combater o Parkinson

PÁGINA 6

Balé para todos os públicos

VIKTOR BRAGA



Escola de Ballet da UFC oferta aulas gratuitas para comunidade interna e externa e agrega 120 alunos com idades que vão dos 17 aos 55 anos, em uma convivência harmônica

PÁGINA 8

“Felicidade de plástico”

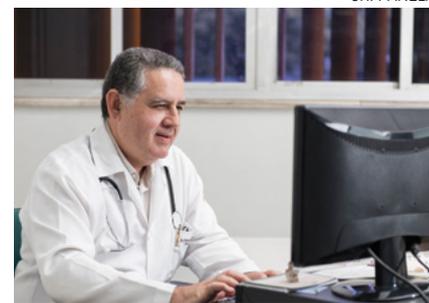


Estudo em andamento no Curso de Psicologia discute a experiência da felicidade na sociedade dos dias atuais e as controvérsias que existem em torno desse tema

PÁGINA 7

Telemedicina no Interior

JR. PANELA



Profissionais do Hospital Universitário realizam sessões on-line com médicos do interior do Estado, reduzindo a necessidade de deslocamento de pacientes à Capital e agilizando atendimentos

PÁGINA 3

EDITORIAL

Inclusão no ensino superior

Levantamento de 2016 mostrou que a Universidade Federal do Ceará possui mais de 70 alunos com deficiência. A última edição de 2017 do *Jornal da UFC* traz histórias de algumas dessas pessoas, cegas, surdas, cadeirantes, que provam que, com força de vontade, é possível, sim, cursar o ensino superior. Nossa reportagem mostra também os serviços de inclusão e acessibilidade que vêm sendo oferecidos na Instituição, através da UFC Incluir, assim como projetos de pesquisa e extensão voltados para facilitar a vida de quem enfrenta essas limitações. No ano que vem voltaremos com mais notícias e reportagens que tratam do universo UFC. Lembramos também que, para sugestões de pautas, escreva para ufcinforma@ufc.br.

GENTE QUE FAZ A UFC



Sempre pronta para acolher os servidores

Era 8 de fevereiro de 1994 quando Sylvana Holanda Moura ingressou na UFC. Na memória, guarda bem a data e a experiência que vivia: estava grávida e, depois de prestar concurso para o cargo de psicólogo organizacional “sem nem esperar que passaria”, decidiu trocar o posto de gerente de recursos humanos na iniciativa privada para dar início à experiência no serviço público.

A Divisão de Seleção da então Superintendência de Recursos Humanos da Universidade recebeu a nova servidora, que, do primeiro impacto de “aculturação” diante da mudança de cenário de trabalho viu surgir um novo sentimento. “A dificuldade inicial de adaptação em pouco tempo se transformou no amor enorme que eu tenho pela UFC, principal-

mente pela oportunidade de trabalhar com pessoas”, conta.

Hoje titular da Coordenadoria de Desenvolvimento e Capacitação (Codec) da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, Sylvana está sempre pronta para ouvir. Com caixinha de lenços a postos, ouve problemas relativos à adaptação e conflitos. Por outro lado, reconhece e valoriza, também, as alegrias da função. “É muito prazeroso participar do momento em que alguém é aprovado em concurso e ingressa na universidade. É muito bom fazer essa acolhida”. Sylvana pensa agora no doutorado. “Do ponto de vista de trabalho, acho que a gente tem sempre novos desafios. Implantar a gestão por competências é um deles. Há muita coisa que podemos e vamos desenvolver”, assegura.

EXPEDIENTE

ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR DA UFC: REITOR: Henry de Holanda Campos. VICE-REITOR: Custódio Almeida. COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E MARKETING INSTITUCIONAL: COORDENADOR: Nonato Lima. COORDENADOR-ADJUNTO: Chico Neto. ASSESSOR DE COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL: Italo Gurgel. EDIÇÃO: Hébelly Reboças e Sérgio de Sousa. TEXTOS: Carmina Dias, Cristiane Pimentel, Kevin Alencar, Lucas Casemiro e Sérgio de Sousa. REVISÃO: Alana Barros, Rogeria Batista Vasconcelos e Sílvia Marta Costa. FOTOS: Jr. Panela, Ribamar Neto e Viktor Braga. DIAGRAMAÇÃO: David Motta, Norton Falcão e Paulo Jales. EXPEDIÇÃO: Eliane Gurgel, Andrea Fontelle e Vicente Oliveira. IMPRESSÃO: Imprensa Universitária. TIRAGEM: 5.000 exemplares.

REDAÇÃO: Av. da Universidade, 2853 - Benfica, Fortaleza-CE - CEP: 60020-181 - ufcinforma@ufc.br
FONES: (85) 3366 7330 - 3366 7331 - 3366 7938

NOTAS

PROJETO DE EXTENSÃO

Nutep completa 30 anos de atendimento a crianças



Um dos mais antigos projetos de extensão da UFC, o Núcleo de Tratamento e Estimulação Precoce (Nutep) completou recentemente 30 anos de atuação. Direcionado ao tratamento e acompanhamento de crianças com algum atraso no desenvolvimento sensorial e neuropsicomotor ou com outras patologias, o Núcleo já atendeu mais de 6.700 pacientes.

Atualmente com uma equipe de

mais de 100 profissionais de diversas áreas da saúde, o Nutep atende 1.000 crianças com síndrome de Down, autismo, paralisia cerebral e microcefalias, sendo referência no Estado nesses tipos de atendimento. O Núcleo conta ainda com o Centro de Estudos e Pesquisas, que promove e apoia o ensino e a pesquisa na área do desenvolvimento infantil e em outras áreas relacionadas à saúde das crianças.

STRICTO SENSU

Consuni aprova proposta de criação de 10 novos cursos de pós-graduação em 3 campi

Um total de 10 novos programas de pós-graduação teve suas propostas de criação aprovadas pelo Conselho Universitário da Universidade Federal do Ceará (Consuni).

São mestrados e doutorados acadêmicos, além de um mestrado profissional,

a serem instalados nos campi da UFC em Fortaleza, Sobral e Quixadá. As propostas foram encaminhadas para avaliação em Brasília pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Veja no quadro abaixo os possíveis novos programas.

Propostas de programas de pós

QUIXADÁ – Programa de Pós-Graduação em Computação – Mestrado Acadêmico;

SOBRAL – Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Políticas Públicas – Mestrado Profissional;

FORTALEZA – Programa de Pós-Graduação em Sistemática, Uso e Conservação da Biodiversidade – Mestrado e Doutorado (Centro de Ciências); Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção – Mestrado Acadêmico (Centro de Tecnologia); Programa de Pós-Graduação em Ciências Cardiovasculares – Mestrado Acadêmico (Faculdade de Medicina); Programa de Pós-Graduação em Patologia – Doutorado (Faculdade de Medicina); Programa de Pós-Graduação em Fisioterapia e Funcionalidade – Mestrado Acadêmico (Faculdade de Medicina); Programa de Pós-Graduação em Medicina Translacional – Mestrado e Doutorado (Faculdade de Medicina); Programa de Pós-Graduação em Sistemas e Mídias Digitais – Mestrado Acadêmico (Instituto Universidade Virtual); Programa de Pós-Graduação em Secretariado Executivo – Mestrado Acadêmico (Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade).

Telemedicina agiliza atendimentos no interior do Ceará

Sessões reduzem deslocamento de pacientes à Capital e diminuem filas nos hospitais



Para o chefe da Unidade de Onco-Hematologia do HUWC, Fernando Barroso, a eficiência do trabalho no hospital contribuiu para o aumento na demanda por serviços

O desafio de ultrapassar a barreira da distância no atendimento em medicina ganhou mais uma ferramenta aliada, no Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC), da UFC. Desde agosto deste ano, duas vezes por semana, um profissional de medicina da Unidade de Onco-Hematologia esclarece, pela Internet, dúvidas de médicos não especializados do interior do Estado. A ação solidária de compartilhamento de informações tem acelerado o atendimento nos hospitais do Interior, evitando o deslocamento de vários pacientes para a Capital.

O nome da prática, telemedicina, é autoexplicativo. “Tele”, em grego, significa “distância”, usado na palavra para se referir ao atendimento médico não presencial. Na prática, médicos generalistas das redes primária e secundária de saúde

de do Estado indicam ao Hospital Universitário casos que não conseguem resolver por não estarem em sua competência técnica. A partir daí, hematologistas do HUWC respondem a essas demandas em até 48 horas após as solicitações, a depender do caso.

Dois vezes por semana, um profissional do HUWC esclarece on-line dúvidas de médicos do Interior

Eles informam, por exemplo, quais exames precisam ser feitos, se os sintomas descritos correspondem ao perfil de atendimento do HUWC, entre outras informações. Além de agilizar o tratamento do paciente, a ação melhora a triagem na Unidade de Onco-Hematologia

do Hospital, que é de alta complexidade, especializada no tratamento de leucemia e em transplante de medula óssea. A triagem mais eficiente, por sua vez, ajuda a unidade a absorver toda a sua demanda.

O Hospital Universitário recebeu 27 mil pacientes nos ambulatórios em 2016. Um aumento de 440% se comparado a 2011, quando foram atendidos cerca de 5 mil pacientes, segundo o chefe da Unidade de Onco-Hematologia do HUWC, Fernando Barroso.

Ele acredita que a eficiência do trabalho da unidade contribuiu para que houvesse esse crescimento na demanda pelos serviços. “A hematologia do Hospital Universitário da UFC se tornou referência para o nosso Estado e para nossa região”.

MAIS INTERLOCUÇÃO

A telemedicina para discussão de casos em hematologia também

ajudou a aumentar a troca de informações oferecidas por esses profissionais. Esse intercâmbio de dados entre médicos é apontado pelo chefe da Unidade de Onco-Hematologia do HUWC como um dos fatores que contribuem para a formação de uma consciência na educação continuada.

Desde o início do teleatendimento, já foram contemplados municípios como Crateús, Fortaleza, Iracema, Morada Nova e outros, inclusive do Maranhão. Prática consolidada nos Estados Unidos, Canadá e países da Europa, no Brasil, Porto Alegre é destaque na telemedicina. O desafio agora é aprimorar. “Não tenho a menor dúvida [de que a telemedicina deve ser expandida para outras áreas do HUWC, agora cabe a cada um ter iniciativa”, recomenda Fernando Barroso.

• LUCAS CASEMIRO

Palestras, cursos, consultoria: UFC tem diversas ações em telessaúde por meio do Nuteds

RIBAMAR NETO



O teleatendimento em hematologia no Hospital Universitário é viabilizado em parceria com o Centro de Hematologia e Hemoterapia do Ceará (Hemoce) e o Núcleo de Tecnologias e Educação a Distância em Saúde (Nuteds), da Faculdade de Medicina (Famed). O Núcleo é o responsável na UFC pela coordenação de inúmeras ações em telessaúde.

A teleconsultoria é, ao lado da telecardiologia e tele-educação, uma das frentes dos trabalhos. O Núcleo disponibiliza também um programa permanente de palestras ministradas

por webconferências para Pontos do Telessaúde do Ceará, instalados em diversas cidades do Interior.

O Nuteds possui 24 profissionais da saúde envolvidos nos atendimentos, dispostos em 10 especialidades contempladas, como cirurgia de cabeça e pescoço, ginecologia e pediatria.

Desde que foi fundado, em 2009, até maio deste ano, foram realizados cerca de 4 mil atendimentos beneficiando 184 municípios. Só em dermatologia, por exemplo, foram reagistrados cerca de mil atendimentos.

É também no Nuteds onde funciona a unidade da Rede Universitária de Telemedicina (Rute) na Universidade, inaugurada em março deste ano. Um projeto desenvolvido em parceria com a Rute é o Grupo de Interesse Especial em Educação em Informática Biomédica. Com participação de pesquisadores de todo o Brasil, o grupo realiza webconferências mensais e abertas ao público, no sentido de discutir estratégias para fomento das novas tecnologias digitais em ensino entre os cursos de graduação da área da saúde.



Marina Costa é surda, estudante de Letras-Libras e bolsista de extensão

INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE

HISTÓRIAS DE QUEM OUSOU DAR UM PASSO ALÉM

Pessoas cegas, surdas ou com deficiência motora mostram que a Universidade é seu lugar

Diante da audiência silenciosa de cerca de 30 pessoas, Marina Costa, 20 anos, apresentava, em novembro último, sua pesquisa nos Encontros Universitários. Os gestos expressivos prendiam a atenção dos presentes, e um ar de encantamento parecia tomar conta do recinto. Ao fim da exposição, poucas palmas. Quase todos, porém, levantaram as mãos para o alto e as sacudiram. Aos que haviam aplaudido, Marina sinalizou, em tom de humor: “Não adianta aplaudir, porque eu não escuto”.

Estudante de Letras-Libras e bolsista de extensão, Marina nasceu surda. Desde cedo, iniciou uma odisséia em busca do conhecimento. O esforço multiplicado na escola, na tentativa de entender as aulas preparadas apenas para ouvintes, até dava resultados, mas muito limitados.

A interação com os colegas era inexistente, e assim vivia sozinha em sua caixinha-sem-música. Até que começou a estudar em escola para surdos: “Quando cheguei, vi todas as crianças se comunicando, se expressando. ‘O que está acontecendo?’, me perguntei. Eu descobri a minha língua! Foi como

abrir uma porta e ver o mundo pela primeira vez”, relembra.

Aprendeu libras, a língua de sinais. Sua mãe também. Um dia, quando conversavam numa praça, uma mulher passou com uma criança e ficou impressionada. Quis saber sobre aqueles gestos. A mulher também era mãe de filha surda, mas não sabia da existência das libras e contou que onde morava, em Orós, não havia escola que ensinasse os sinais. Aquele momento foi como uma epifania para Marina, que descobriu seu sonho: queria ser professora! Queria permitir que as crianças surdas do Interior também tivessem o direito de se comunicar.

Em 2014, Marina fez o ENEM. Passou. Hoje, é um dos 50 alunos com deficiência auditiva da UFC. Essa é a principal deficiência em termos numéricos entre os alunos da Universidade, conforme mostram dados da Secretaria de Acessibilidade UFC Inlui. O motivo para isso foi a criação do Curso de Letras-Libras, que, atualmente, tem 122 alunos, dos quais 49 são surdos.

INCLUSÃO NA UFC

Para além do aumento provocado pela criação do curso, a

Universidade vem recebendo, ao longo dos anos, um número cada vez maior de alunos com deficiência, de natureza auditiva, visual, física ou múltipla.

O censo de 2016 da Secretaria de Acessibilidade aponta para 73 estudantes no total. Mas essa quantidade não é de todo precisa, como afirma a diretora da UFC Inlui, Prof^a Vanda Leitão. “Fazemos um censo semestral, mas é difícil. Às vezes, tem gen-

Dados de 2016 apontam, na UFC, 73 alunos com deficiência de ordem auditiva, visual, física ou múltipla

te que diz ter deficiência visual. Quando entramos em contato, é uma pessoa que usa óculos. Não é o público da secretaria, porque os óculos resolvem a vida dela”, explica.

A secretaria busca contatar os alunos com deficiência através da coordenação, para saber suas necessidades e se eles estão frequentando as aulas. Criada em 2010, a UFC Inlui tem ampliado o leque de serviços de apoio

ao estudante de acordo com as necessidades que vão surgindo (ver quadro).

Ainda há muito em que avançar, admite a professora, mas muito tem sido feito. Além do acompanhamento do aluno, há diversas outras atribuições. Uma delas é o trabalho de intérpretes e tradutores de libras. Atualmente, são 12 deles em Fortaleza e dois no Campus de Russas (contratados para lá após o ingresso de um aluno surdo na graduação).

Para a Prof^a Vanda, além dos serviços ofertados, a secretaria se preocupa com as atitudes em relação à acessibilidade. “É a compreensão que se tem da pessoa com deficiência, o modo de lidar com ela, as discussões sobre essa temática. Tudo isso a gente tem procurado trabalhar através de debates e oficinas”, aponta.

Os desafios permanecem numerosos para quem possui uma deficiência e decide cursar o ensino superior. A UFC tem buscado ampliar seus mecanismos de suporte, mas somente a determinação é que poderá garantir o sucesso de quem, enfrentando todas as barreiras ainda existentes, ousou dar um passo além. • SÉRGIO DE SOUSA

O AVANÇO DAS AÇÕES NA UFC

SERVIÇOS

A UFC Inclui oferece serviços de tradução e interpretação de libras/português; digitalização de materiais didáticos, tornando-os acessíveis a pessoas cegas; além de adequação de computadores em laboratórios e outros setores da UFC, para que sejam acessados por pessoas com deficiência visual.

Também oferta cursos de libras e outras formações para a comunidade universitária, além de realizar revisão de processos arquitetônicos com base em critérios de acessibilidade.

A Secretaria atua, ainda, no sentido de identificar metodologias de ensino que representam barreiras para os alunos com deficiência, propondo estratégias alternativas.

A Secretaria de Acessibilidade fica na área 1 do Centro de Humanidades, no Campus do Benfica, próximo à Biblioteca do CH. Contatos: (85) 3366 7660 e 3366 7908, ufcinclui@acessibilidade.ufc.br e www.acessibilidade.ufc.br.

FACILITANDO A VIDA

O tema da acessibilidade mobiliza não somente políticas institucionais, mas também pesquisas e ações de extensão em diversos cursos da UFC.

Um exemplo interessante disso é o Grupo Tecnologias Assistivas e Educacionais (TAE), do Campus de Sobral. O grupo utiliza

conhecimentos nas áreas de robótica, IHM (interface homem-máquina) e mineração de dados para pensar produtos que possam facilitar a vida de pessoas com deficiência.

Eles já criaram itens como a bengala eletrônica, que tem por propósito orientar pessoas com deficiência visual através de frequência sonora e/ou vibração; o mouse adapt, voltado para o público com limitação motora; e o jogo digital educacional, que ajuda pessoas assistidas pela APAE-Sobral a reconhecer as vogais do alfabeto de forma lúdica.

APLICATIVO MÓVEL

Outro destaque é a turma formada pelos estudantes Samuel Lima (Engenharia Elétrica), Múrcio Filho (Engenharia de Computação) e o graduado Felipe Feitosa Soares (Engenharia de Computação), que desenvolveu o VibEye, em Fortaleza.

Trata-se de um dispositivo que facilita a marcha e dá mais autonomia a pessoas com deficiência visual. O VibEye detecta obstáculos a meia altura, que normalmente passam despercebidos pelas tradicionais bengalas.

FOTOGRAFIA TÁTIL

Também chama a atenção o projeto Fotografia Tátil, coordenado pelo professor do Curso de Design Roberto César Vieira. A ideia é expor fotos que utilizam recursos tecnológicos para apreciação por pessoas cegas pelo sentido do tato.

SERVIDORA CEGA É PONTE PARA A INCLUSÃO

RIBAMAR NETO

Há quatro anos, quem busca os serviços da Secretaria de Acessibilidade UFC Inclui, em especial os alunos com deficiência visual, acaba por conhecer Carlizeth Campos, 43 anos. Se a falta de visão impedir de identificar seus traços físicos, será difícil não sentir, pela voz e risada, o bom humor da servidora.

Carlizeth nasceu com pouquinha visão e somente no olho direito, mas a perdeu ainda quando tinha 8 anos de idade. Teve de aprender a se virar aguçando outros sentidos e, hoje, ajuda os estudantes cegos da UFC a ter acesso ao material necessário a sua formação. Ela é um dos 114 servidores ativos da Universidade com algum tipo de deficiência.

“Já recebi alunos de vários cursos: letras, filosofia, pedagogia, psicologia, computação,



Na foto, Carlizeth opera a impressora de textos em braille

música. Aqui, eles passam a conhecer o serviço da Divisão de Produção de Material Acessível e o sistema de bibliotecas”, conta a servidora.

Entre as atribuições de Carlizeth, está a de permitir a acessibilidade de textos exigidos pelos professores. Primeiro, os alunos repassam a bibliografia do curso. Pode ser um livro, uma xerox. A partir daí, é feita a digitalização

do material, para que este seja lido por softwares de transcrição auditiva. Saber da oferta desses serviços, afirma, é essencial. “E não são só os cegos que devem saber deles, mas todo mundo, para poder indicá-los a quem tem deficiência. Tem gente que, por não saber desses serviços, deixa de tentar o ENEM, e fica só sonhando. E, determinada hora, deixa até de sonhar.”

A CAPACIDADE DE ADAPTAR-SE

Aos 17 anos, quando se preparava para o vestibular, Igor Peixoto Girão passou por um problema de saúde que mudou para sempre sua vida. Por conta de uma infecção no encéfalo, teve graves implicações na visão e em sua capacidade motora. Passou a ver apenas vultos e foi obrigado a começar a se locomover por cadeira de rodas.

Precisou readaptar seus planos de futuro, mas não desistiu do ensino superior. Não só conseguiu passar na seleção, como concluiu o Curso de Biblioteconomia e hoje, aos 30 anos, é mestrando em Ciência da Informação, já com alvo no doutorado.

Considerando-se a “velha-guarda” dos alunos da UFC com necessidades especiais, ele diz que passou por inúmeras dificuldades, mas acabou por “abrir caminhos”. “Eu pensava: a Universidade vai ter que me aceitar, eu vou ter que fazer o curso, nem que eu demore oito anos para me

formar. Eu estava com essa mentalidade de cobrar os meus direitos, mas também com a de fazer tudo o que estava a meu alcance”, conta.

Conseguiu concluir o curso em quatro anos e meio

o nascimento, sempre teve de sua mãe a exigência para que alcançasse uma boa educação formal. Sua meta era ser tradutora. Por não ter visão, acabou por desenvolver muito bem a audição, de forma que

se destacava por sua pronúncia do italiano. Assim, com o tempo, já era ela quem ajudava os colegas de turma. Surgiu aí a ideia de ser professora. Realizou seleção para bolsista e conseguiu a vaga na Casa de Cultura Italiana.

Agora, já formada, ela é bolsista-estagiária da Casa e possui uma turma só sua. “No início, foi difícil, porque os materiais não são adaptados, são os livros tradicionais e não estavam digitalizados.

Então, houve um trabalho com a Secretaria de Acessibilidade para digitalizar esse material, diz. As barreiras, entretanto, foram quebradas. Hoje, professora e ainda cursando outra graduação, desta vez em Letras-Francês, Rebeca já se prepara para o mestrado.



Rebeca é cega e professora de italiano

e, nesse período, tornou-se uma espécie de símbolo na luta pela acessibilidade na Universidade. Contemporânea de Igor, Rebeca Barroso, 28 anos, também enfrentou muitos obstáculos para cursar sua graduação em Letras-Italiano. Cega desde

Corante testado na UFC pode ajudar a combater o Parkinson

Laboratório encontrou na substância BBG características de proteção contra lesões e morte de neurônios causadas pela doença

Ficar com a língua azul depois de comer um doce é comum na infância. Mas o que antes era apenas brincadeira de criança também pode ter valor para a ciência, na área da saúde. Isso porque um corante, o Brilliant Blue-G (BBG), similar ao utilizado na produção dos doces de coloração azul, apresentou características favoráveis nos testes em laboratório com relação ao tratamento do mal de Parkinson.

O Laboratório de Neurociências e Comportamento (LNC) do Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Medicamentos (NPDM) da UFC tem investigado as propriedades do BBG no combate ao Parkinson e já constatou que, além de proteger os neurônios, evitando boa parte das lesões provocadas pela doença, a substância também diminui

os efeitos colaterais da principal droga usada normalmente no tratamento, a L-Dopa.

O Parkinson é causado pela morte de neurônios da chamada substância negra do mesencéfalo, responsável pela produção de dopamina, um neurotransmissor que desempenha importante papel no controle motor. Quando esses neurônios morrem e a quantidade de dopamina no corpo diminui, os sintomas do Parkinson podem surgir. O BBG, que tem características anti-inflamatórias, ajuda a proteger essa região, diminuindo as lesões e a morte dos neurônios pela metade, segundo os testes.

A pesquisa ainda está em fase pré-clínica, tendo sido realizada apenas em modelos animais. Várias etapas precisam ser concluídas antes da realização de estudos em humanos. Os modelos ani-



PANELA JR.

Eficiência do corante é investigada no Laboratório de Neurociências e Comportamento

mais são induzidos a desenvolver uma condição similar ao Parkinson (apenas humanos possuem a doença propriamente dita).

O BBG foi testado em dois modelos: no primeiro, a condição já estava estabelecida alguns dias antes da administração do corante, enquanto no segundo o procedimento se deu antes do início das lesões. A equipe constatou que, no primeiro caso (com as lesões já em andamento), não foi possível reverter o quadro e restabelecer os neurônios.

Entretanto, no segundo modelo, as lesões ocorreram em quantidade muito menor do que nos animais em que não havia proteção. A quantidade de dopamina em um dos animais, por exemplo, que tinha caído de 1.300 nanogramas por miligrama de tecido para apenas 44, voltou a ser cerca de 2.000 com o BBG.

USO MÉDICO

A coordenadora do Laboratório de Neurociências e Comportamento, Prof^a Geanne Matos, lembra que o único uso do BBG na clínica até agora é feito na oftalmologia, funcionando como um marcador em cirurgias. “Ele é usado durante a cromovitrectomia (cirurgia auxiliada por corantes) devido à sua notável afinidade com a membrana limitante interna da retina”, diz.

Mas um dos benefícios do BBG é que ele já teve os testes de toxicidade realizados, o que facilitaria a evolução do corante em um fármaco voltado para o Parkinson. “A vantagem do redirecionamento é que, se a indústria se interessar, vai economizar dinheiro e tempo, podendo-se chegar mais rápido aos estudos clínicos”, diz Geanne.

• KEVIN ALENCAR



Efeito colateral da BBG em ratos (imagem: Takahiro Takano/University of Rochester Medical Center)

Cientistas apostam na redução de efeitos colaterais da medicação principal

Outra atuação do BBG tem relação com a L-Dopa (principal fármaco usado para tratar pacientes com Parkinson), que faz a reposição da dopamina perdida. O problema é que o uso contínuo da droga pode gerar, ao longo do tempo, efeitos colaterais no sistema motor, que se apresentam na forma de discinesias (movimentos involuntários pelo corpo).

Em um trabalho ainda não publicado, o laboratório da UFC concluiu que o BBG também é capaz de reduzir consideravelmente essas discinesias,

garantindo proteção ao paciente. O mecanismo de ação disso ainda não está claro, mas os pesquisadores apostam na relação da substância com as vias dopaminérgicas.

Há ainda outro estudo a ser realizado caso o corante seja visto por alguma empresa como potencial fármaco: a alteração da molécula que causa a coloração azul. Nos testes em ratos, a substância fez com que algumas áreas mudassem de cor (sobretudo o abdômen, onde o BBG foi injetado, mas também as orelhas e os testículos).

“Se um humano tomar, pode acontecer a mesma coisa. Os pesquisadores da química precisariam fazer alterações nessa molécula, mas sem tirar as características principais dela”, diz a Prof^a Geanne Matos, do Laboratório de Neurociências e do Comportamento. O caminho do laboratório até a clínica, porém, ainda é longo, e a pesquisadora lembra que cabe aos farmacologistas clínicos e à indústria fazer o direcionamento do corante para que ele se transforme, de fato, em remédio.

SENTIMENTOS NA CONTEMPORANEIDADE

As diferentes nuances da “felicidade de plástico”

Estudo realizado no Curso de Psicologia avalia a experiência da felicidade nos dias atuais

“Uma vida simples e silenciosa traz mais alegria do que a busca do sucesso em um desassossego constante.”

Essa frase, que sugere um caminho para a felicidade, é o texto de um pequeno manuscrito leilado por mais de 1,5 milhão de dólares no último mês de outubro, em Jerusalém. A notinha escrita em alemão havia sido entregue, em 1922, a um mensageiro de hotel no Japão, por ninguém menos que Albert Einstein.

Na música, na literatura, nos anúncios publicitários e até em uma pequena nota oferecida como gorjeta: a felicidade está em toda parte. Ou, pelo menos, as menções sobre ela. Estado de espírito almejado pelos humanos, teve seus contornos delineados em diferentes formas ao longo da história, sendo associada a fatores como virtude, fé e progresso.

Compreender a experiência da felicidade na sociedade atual foi o objetivo de pesquisa desenvolvida pelo Laboratório de Estudos em Psicoterapia, Fenomenologia e Sociedade (Lapfes), do Curso de Psicologia da UFC. Com conclusão neste mês de dezembro, o trabalho buscou investigar como o homem de hoje vivencia a felicidade.

O homem contemporâneo tem tanta sede por felicidade que se contenta com as artificiais

A pesquisa foi dividida em duas etapas: na primeira, houve debates abertos ao público sobre felicidade e sua relação com diversos aspectos, como medicalização, consumo, uso de novas tecnologias. Com esse aporte de informações, a equipe passou à segunda fase: entrevistas com 20 usuários do Plantão Psicológico da Clínica-Escola da UFC.

Explica a coordenadora do estudo, Prof^a Jurema Dantas, que uma análise dos dados trouxe a percepção de uma felicidade ex-

tremamente vinculada ao consumo. “A contemporaneidade mercantilizou a felicidade de alguma forma, tornou-a vendável. Há a ideia de que a felicidade é algo que eu compro e levo para casa.”

Ter o corpo perfeito através de procedimentos estéticos, comprar o celular de última geração, alcançar o posto mais alto no trabalho, conquistar o parceiro cobiçado. Na cortina de fumaça sobre a ideia de felicidade atual, ser feliz é tudo aquilo que “posso obter”. “Nesse contexto, a felicidade é possível, basta que você tenha recurso para comprá-la. É como se fosse algo disponível em prateleiras”, comenta a pesquisadora.

Felicidade de plástico

Como flores de plástico, que nunca perdem as cores, mas também não trazem perfume, a ideia da felicidade, segundo o estudo, se reveste hoje de um caráter artificial. A confusão entre felicidade e prazer faz com que as pessoas sigam numa busca desenfreada por sensações intensas e euforia, impulsionada por uma sociedade que exige ser feliz o tempo todo.

“O homem contemporâneo tem tanta sede por felicidade que se contenta com as artificiais. Essa busca por prazer o leva apenas a vivências de euforia, mas sentir-se eufórico não é sentir-se feliz”, esclarece a coordenadora do Lapfes. O estudo demonstrou que ser feliz tem sido, mais que um objetivo, uma obrigação.

Com isso fica o questionamento: se as pessoas estão confusas sobre o que seria a felicidade, estariam distorcendo também a ideia de sofrimento? Segundo a professora, a resposta é sim. “O homem contemporâneo é extremamente intolerante ao sofrimento, e qualquer tristeza já é motivo para que ele diga que é depressivo. Mas nem toda tristeza é depressão, a tristeza é constitutiva da vida. O que nossa pesquisa afirma é que, ao colocar a felicidade como obrigação, acabamos destituindo o homem da vida tal como ela é, incerta, confusa e contraditória.” • **CRISTIANE PIMENTEL**





ESCOLA DE BALLET

Um espaço de arte e respeito às diferenças

Criado em 2013, projeto recebe 120 alunos com idades que variam dos 17 aos 55 anos

Dançar para ser feliz, quem não quer? E realizar sonhos num ambiente onde arte e técnica se aliam à amizade e ao respeito à diversidade? Isso é possível na Escola de Ballet da UFC, que oferta aulas gratuitas de balé clássico para pessoas da comunidade interna e externa, sem obrigatoriedade de experiência com dança.

Cerca de 120 alunos, com idades entre 17 e 55 anos, frequentam as aulas no Instituto de Educação Física e Esportes (Iefes), no Campus do Pici Prof. Prisco Bezerra, em Fortaleza. A convivência harmônica entre pessoas de diferentes idades, classes sociais, tipos físicos, etnias e gêneros se vê por lá.

A Escola começou em 2013, como uma ideia da graduanda do Curso de Educação Física Daniele Magalhães Rosa. Com orientação do Prof. Marcos Campos, do Iefes, tornou-se, em 2014.2, projeto da Secretaria de Cultura e Arte (Secult-Arte) da UFC. Além de Daniele, Maria Juliana Oliveira (primeira aluna, que se tornou professora) também ministra as aulas como bolsista.

Em quatro anos, a Escola já se apresentou no Theatro José de Alencar, no Centro Dragão do Mar, em shoppings, escolas, hospitais e, em novembro passado, no Corredor Cultural do Benfica. No repertório, estão trechos adaptados de clássicos como *Dom Quixote*, *A Bela Adormecida* e *O lago dos cisnes*, além de

criações do grupo. “Há uma base técnica, de repertório consolidado, que elas ensinam, mas também existe um espaço para criações e experimentações”, pontua Marcos.

FORMAÇÃO ARTÍSTICA

Daniele começou no balé aos 5 anos de idade na Escola Regina Passos, em Fortaleza. Hoje, com 23 anos, quer ver pessoas realizando o sonho de dançar e ser feliz para além da ideia do balé como algo elitista e focado no padrão da “bailarina alta, magra, de pele branca”. No início, com 20 alunas, as aulas ocorriam onde era possível. “Demos aulas na sala de lutas e até no hall do Iefes. Como não havia barras, as bailarinas se apoiavam nas paredes”, lembra. O projeto cresceu e as aulas são na sala de dança do Iefes.

De uma família de baixa renda, Juliana, 21 anos, não fez balé na infância. A chance veio aos 17 anos, quando entrou na Escola de Ballet da UFC. “Aqui a gente tem formação de profissional”, diz ela, acrescentando que, com o grupo, também aprende a compartilhar ideias, roupas, maquiagem, sentimentos.

O Prof. Marcos atribui o êxito da Escola às duas bolsistas. “Esse projeto é de formação. Elas se formam artisticamente e promovem a arte para outras pessoas. Quando você faz um projeto como esse, em que as pessoas vêm, se apropriam dele, dentro de um espaço público, isso faz com que a Universidade cumpra seu papel.”

• CARMINA DIAS



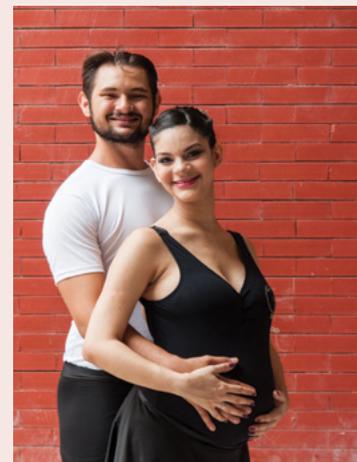
Sonhos realizados e amores construídos

Na Escola de Ballet da UFC, dos 120 inscritos, 10 são rapazes, boa parte do Curso de Educação Física. Já entre as bailarinas estão duas transexuais. Nicole Lessa, 25 anos, diz que realiza um sonho que a mãe não a deixou concretizar na infância, por não considerar balé coisa de menino. Na Escola, sente-se acolhida e destaca a experiência coletiva. “Todos se ajudam”, comenta.

“É uma barreira doce de ser enfrentada”, diz Alicia Fernandes sobre ser trans e levar adiante o sonho de dançar. Impedida pelos pais de fazer balé quando criança, dançava jazz e funk em casa. “Era a forma que eu encontrava de ser eu mesma e me expressar”, recorda. Agora, na Escola, a vontade é ter no balé uma carreira, “ensinar, me apresentar”.

Aluno de Educação Física e praticante de caratê, André Maia, 21 anos, não tinha afinidade com dança. A convite de Daniele e Juliana, experimentou aulas de balé e tomou gosto. Na Escola, conheceu Monique Pinheiro, 19 anos, aluna da graduação em Dança da UFC. A amizade virou amor e Monique, que estreou dançando *A Bela Adormecida*, está grávida. O nome da bebê? Aurora, a princesa do conto adaptado para o balé.

Para Angelina Ribeiro, 55 anos, a bailarina com mais idade, a Escola “é uma maravilha”. Com 14 anos ela fez balé num centro comunitário e chegou a ganhar meia bolsa para a renomada escola de Hugo Bianchi. A necessidade de



André e Monique: dança e romance

trabalhar, porém, obrigou-a a interromper as aulas. No início deste ano, já aposentada, soube da Escola de Ballet da UFC e voltou a dançar. No fim do semestre, se apresentou num *pas de deux* com um jovem colega. “Eu me senti a primeira bailarina do Bolshoi”, diz rindo.



SERVIÇO

Escola de Ballet da UFC – Parque Esportivo – bloco 320 – Pici
Aulas às terças e quintas-feiras
12h às 13h – Nível intermediário
13h às 14h – Iniciantes
Redes sociais: facebook.com/escoladeballetufc e instagram.com/escoladeballetufc
Próximas inscrições: 2018.1